

Entrelaçados pelos *Kãchi*: perspectivas de uma curadoria compartilhada

Douglas Fróis
(UFPR)

Mariana Zarpellon
(UFPR)

Marisa Cristina Rodrigues
(UFPE)

Ramiro Gabriel Garcia
(UFPR)

A relação entre museus e antropologia é antiga e marca não só o nascimento da própria disciplina, mas demonstra, a partir de aproximações e distanciamentos ao longo de décadas, as tensões e transformações de paradigmas teóricos que marcam o fazer antropológico. Nesse sentido, a produção de exposições compartilhadas, que acolhe e produz a partir de compreensões distintas, revela muito sobre a ambição atual da antropologia em estabelecer posições mais equilibradas com seus interlocutores. Foi a partir desse viés que nosso enredo se desenvolveu.

Em abril de 2015, recebemos o convite da professora Edilene Coffaci de Lima para colaborar na realização de uma exposição sobre o *Kãchi* dos Katukina (*Kãchi* é a forma como esse povo nomeia um jogo de barbante, em alguma medida semelhante ao que conhecemos como “camas-de-gato”). No início, não tínhamos a dimensão exata do projeto como um todo, mas algumas noções das principais ideias que iriam nortear nossas ações. Nós sabíamos que alguns dos detentores do conhecimento do *Kãchi* sairiam da aldeia em que vivem no Acre para participarem como curadores da exposição e que os *Kãchi*, por sua constituição dinâmica e efêmera, iriam requerer formas diversas de registro e exibição. Nossa tarefa principal era a de apreender, em vídeo e fotografia, os processos de feitura dos *Kãchi* e da própria exposição. Estava posto o desafio.

Nos reunimos no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) em Curitiba e fomos apresentados aos detentores do conhecimento sobre os *Kãchi*, Mame (Nivaldo) e seu filho Wisi (Fábio). É interessante ressaltar que nós, à época alunos de graduação do curso de Ciências Sociais, pudemos experimentar algo como uma “antropologia reversa”. Mame e Wisi às vezes nos perguntaram coisas que não sabíamos responder porque geralmente não pensávamos sobre elas, estranharam alguns de nossos costumes (como o de

levar cães para passear atados em guias) e, nesse curto período de convivência, nos surpreenderam também com muitas semelhanças. Mame e Wisi foram, em alguma medida, nossos antropólogos e nos ajudaram a compreender melhor que “nós” e “os outros” não devem ser pensados como lugares engessados, mas posições que se alteram diante de contextos e panoramas diversos.

Nesse jogo de alteridade e entre erros e acertos para a construção dessa exposição compartilhada (ver mais no artigo de Lima, que antecipa e complementa esse ensaio) foram produzidos diversos registros audiovisuais, feitos principalmente nas sedes do MAE em Curitiba e em Paranaguá.

Importante dizer que a premissa de compartilhamento, que norteou as atividades de feitura da exposição, ficou limitada para a construção desse ensaio, visto que Wisi e Mame dessa vez não puderam colaborar para sua efetivação. A distância geográfica e a impossibilidade de estabelecer uma comunicação à distância profícua para esse processo, por meio da internet, por exemplo, colaboraram para isso.

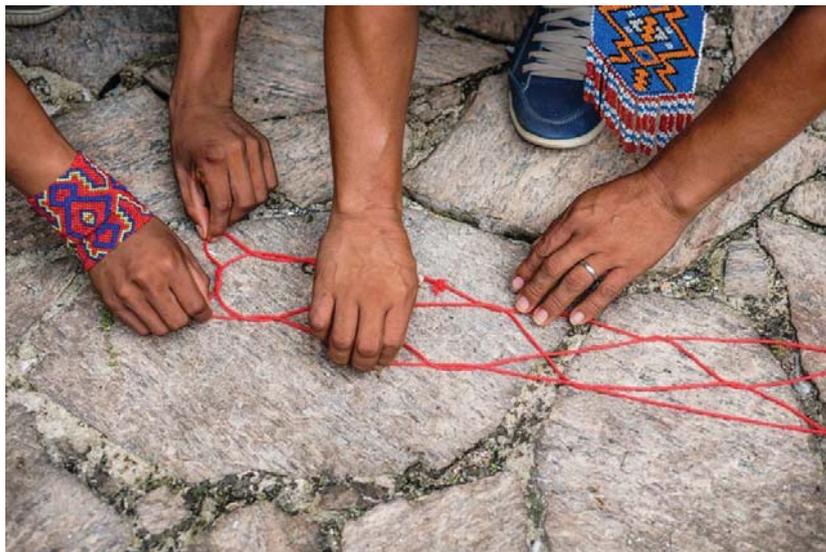
Nossa intenção era que essa contribuição se consolidasse, mesmo que parcialmente, durante o processo de seleção das fotos de Wisi – que produziu registros por meio da câmera de seu celular. Foram selecionadas duas fotos, uma delas de seu pai explorando o acervo da reserva técnica do museu. Contudo, essas imagens acabaram não integrando o conjunto final selecionado por não atenderem às especificações de padrão de imagem exigidas para essa publicação. Optamos, assim, por apresentar a “foto da foto”, instante capturado por Ramiro Garcia enquanto Wisi registrava o resultado do molde de gesso feito a partir da mão de Mame, preenchendo a ausência da foto por ele feita, mas trazendo-os também para “de trás da câmera” – também produzindo registros e não somente sendo registrados.

Reconhecemos também a importância dessa produção imagética para a interlocução da equipe. Por meio dos registros mútuos surgiram diálogos, novas ideias e também oposições. Os retratos de Wisi e Mame eleitos para a composição são o resultado desses primeiros contatos entre a equipe, momentos de aproximação, e correspondem ao contexto de nosso trabalho coletivo em que, no nosso entendimento, as individualidades e subjetividades não precisaram ser suprimidas – o desafio posto era o de articular nossas diferenças da melhor forma possível.

As outras imagens selecionadas revelam etapas distintas do processo de curadoria, que culminaram com a inauguração da exposição e que buscaram captar não só a técnica de elaboração dos *Kāchi*, mas a experiência da equipe envolvida.

Algumas dessas fotografias foram, posteriormente, impressas e enviadas para que Mame e Wisi pudessem mostrar aos parentes no Acre o trabalho feito e também tê-las como recordações de suas experiências como curadores.

Foto: Douglas Fróis



Mame e Wisi arrumando um Kâchi para as filmagens.

Foto: Douglas Fróis



Equipe durante filmagens na sede do MAE, em Paranaguá.

Foto: Douglas Fróis



Wisi e seu pai Mame durante filmagens na sede o MAE, em Paranaguá. Eles quiseram pintar seus rostos para as filmagens e usaram tinta de jenipapo e urucum que trouxeram do Acre.

Foto: Ramiro Gabriel Garcia



Wisi (Fábio Silva) durante visita à Reserva Técnica do MAE.

Foto: Ramiro Gabriel Garcia



Mame (Nivaldo Rodrigues).

Foto: Ramiro Gabriel Garcia



Edilene Coffaci de Lima, Marcia Rosato (diretora do MAE), Mame e Wisi durante preparativos para filmagem na Reserva Técnica do Museu, em Curitiba.

Foto: Ramiro Gabriel Garcia



Além dos dedos das mãos, boca e pernas podem ser usados para fazer os *Kāchi*.

Foto: Douglas Fróis



Mame aproveitou sua tinta de jenipapo para desenhar grafismos usados pelo povo Katukina em algumas pessoas da equipe.

Foto: Douglas Fróis



Mame e Mariana durante a fabricação do molde de gesso. A ideia inicial, que não se sustentou durante o processo da curadoria, era usar essas réplicas como suporte dos Kâchi na exposição.

Foto: Douglas Fróis



Mame examina molde feito a partir de sua mão.

Foto: Ramiro Gabriel Garcia



Wisi também fez vários registros durante os trabalhos.

Foto: Douglas Fróis



Devido a sua constituição, os Káchi exigiram diferentes formas de apresentação para a exposição. Os da vitrine foram fixados em pregos para preservarem suas formas.

NOTAS

- 1 Nos referimos à antropologia que busca, de alguma forma, superar posições dicotômicas e que está intrinsecamente ligada a chamada “virada ontológica” e ao deslocamento teórico e metodológico promovido por autores como Bruno Latour, Roy Wagner e Marilyn Strathern, por exemplo.
- 2 “Antropologia reversa” é um termo cunhado por Wagner (2010) com o intuito de revisar as relações entre “nós” e “eles” ou antropólogos e “nativos”, busca demonstrar uma equivalência entre a posição e procedimentos de observadores e observados. Nesse sentido, os interlocutores das pesquisas antropológicas também nos observam e fazem antropologia. Wagner, Roy. 2010. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.
- 3 Como as imagens foram feitas utilizando a câmera do celular, não atingiram a resolução mínima de 300 dpi requerida para a publicação.
- 4 Exposição “*Kãchi Katukina*” realizada de 24/03/15 a 03/04/16 no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR em Paranaguá (MAE-UFPR). Curadoria da exposição: Dr.^a Edilene Coffaci de Lima (PPGA-UFPR), Nivaldo Mamê Rodrigues Katukina e Fábio Wisi Rodrigues Katukina. Mais informações disponíveis em: <http://www.ufpr.br/portalufpr/blog/noticias/museu-de-arqueologia-e-etnologia-da-ufpr-inaugura-exposicao-kachi-katukina-em-paranagua/>.

Douglas Fróis é servidor técnico no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.

Marisa Cristina Rodrigues possui Bacharelado em Ciências Sociais pela UFPR e em Comunicação Universidade Federal de Pernambuco.

Mariana Zarpellon possui Graduação em Comunicação Social pela Universidade Positivo e atualmente é bacharelanda no Curso de Ciências Sociais da UFPR.

Ramiro Gabriel Garcia possui Graduação em Ciências Sociais pela UFPR e atualmente realiza Mestrado em Sociologia na mesma universidade.

Entrelaçados pelos Káchi: perspectivas de uma curadoria compartilhada**RESUMO**

O ensaio apresenta as relações de alteridade que se estabeleceram em abril de 2015, durante o processo de curadoria compartilhada que resultou na mostra “Káchi Katukina”, que permaneceu de cerca de um ano exposta no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da UFPR, em Paranaguá. Káchi é a forma como o povo indígena Katukina, do Acre nomeia um jogo de barbante que, a partir de entrelaçamentos semelhantes as “camas de gato” resultam em formas que fazem referência à anatomia de animais e vegetais. A partir da articulação inicial da professora Edilene Coffaci de Lima (DEAN / UFPR), os trabalhos foram desenvolvidos por Mame (Nivaldo Rodrigues) e Wisi (Fábio Silva), katukinas praticantes do Káchi e curadores da exposição, alunos de graduação da UFPR e servidores e técnicos do MAE.

Palavras-chave: Káchi; camas de gato; curadoria compartilhada; MAE UFPR.

Interlaced by the Káchi: Perspectives of Shared Curatorship**ABSTRACT**

The essay presents the otherness relations that were established in April 2015, during the shared curatorial process that resulted in the exhibition "Káchi Katukina", which remained for about a year exhibited in the Museum of Archeology and Ethnology (MAE) of UFPR, in Paranaguá. Káchi is the way the Katukina indigenous people of Acre name a game of string that, from similar interlacings the “cat beds” result in forms that refer to the anatomy of animals and plants. From initial articulation made by professor Edilene Coffaci de Lima (DEAN / UFPR), the works were developed by Mame (Nivaldo Rodrigues) and Wisi (Fábio Silva), katukinas practitioners of Káchi and curators of the exhibition, undergraduate students of UFPR and MAE technicians and employees.

KEYWORDS: Káchi; string figures; shared curatorship; MAE UFPR.

Recebido em: 08/12/2016

Aprovado em: 23/01/2017